

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 299

11 de julho de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Queria ainda insistir no tema da aula passada enfatizando o seguinte ponto: o estudo da filosofia é, antes de tudo, um treino de percepção e expressão. Isso quer dizer que ele, nesse aspecto, se aproxima muitíssimo do treino literário. Existe um livro que sempre recomendo do Jules Payot, sobre a arte de escrever, que foi usado durante décadas, sugerindo exercícios para a escrita. Por exemplo: olhar uma sala e distinguir as várias tonalidades de cor dos objetos que a compõe, ou seja, para além da escala de cores existe uma série de semitons que tem nomes diferentes. E a lição básica é de estudar a arte do estilo universal, preferir sempre o termo específico em vez do termo genérico: se você está olhando um móvel, saber o nome do móvel em vez de designá-lo apenas pelo nome genérico ou como “móvel”. E se você conhece os estilos de várias mesas, dirá o nome do estilo e não simplesmente “mesa”. E isso faz com que o leitor tenha o equivalente, por assim dizer, visual, auditivo e até tátil das coisas em vez de ter somente um fluxo de palavras ocas.

Esse treinamento é tão essencial em filosofia quanto na literatura. Como não existe ensino de literatura no Brasil no curso ginásial, as pessoas chegam em uma faculdade de filosofia com um domínio muito precário da linguagem e, em cima desse domínio precário, você coloca toda uma terminologia filosófica que vai lhes parecer muito elegante e muito intelectual, e eles vão fazer uma porcaria com isso aí, irão fazer confusões elementares que, para quem sabe o que está acontecendo é um mico tremendo. Mas eles não o percebem porque estão dentro deles, são células de mico. Existem várias questões filosóficas que em si mesmas não têm solução visível, porém constituem um treinamento absolutamente indispensável. A longa discussão entre realistas e nominalistas é um dos mais belos treinos que existem, porque ela coloca em questão exatamente a relação entre nome e coisa, quer dizer, se aquilo que você está designando é uma idéia, uma forma ideal ou é um ente efetivamente existente. Ainda que isso não tenha uma solução teórica, a longa convivência com esta questão afina a sua percepção das situações.

Por exemplo: (como se formulava na época) “existe algo que se chama beleza ou existem apenas entes individualmente belos dos quais você por abstração constrói uma noção de beleza?”. As duas teses são absolutamente defensáveis e nunca uma delas vai vencer. Porque esta tensão entre o universal e o particular é inerente à própria estrutura da realidade, ou seja, não existe nenhum ente que não pertença a alguma espécie, ainda que ele seja o exemplar único. Isso quer dizer que o aspecto da sua singularidade, da sua particularidade coexiste com a universalidade de uma maneira ao mesmo tempo inseparável e irreduzível:

você não consegue reduzir uma coisa à outra e nem a outra a uma. Portanto, é de se supor que esta questão não tem solução porque não é para ter solução, porque você está se confrontando com a própria estrutura da realidade.

Mais tarde Kant dirá que nós só temos as percepções singulares e que os conceitos universais são produto da razão pura, ou seja, a razão pura projeta sobre as percepções alguns nomes de relações, como por exemplo possibilidade, existência, impossibilidade, improbabilidade etc., e assim ordena o mundo. Isto quer dizer que o mundo físico tal como o percebemos seria uma coleção de estímulos mais ou menos caóticos aos quais a nossa mente impõe uma ordem, uma ordem que é uma livre criação da razão pura. Essas formas não são subjetivas pelo motivo de serem iguais em todos os seres humanos, elas são as formas da percepção humana em geral, de modo que todos nós percebemos os objetos mais ou menos do mesmo jeito porque impomos as mesmas formas gerais aos objetos singulares e aos estímulos singulares que nos chegam. A mim isso sempre me pareceu uma impossibilidade pura e simples. Percebi isso meditando, por coincidência, sobre a própria noção da impossibilidade.

Impossibilidade é uma noção fundamental na filosofia porque ela é o que funda a noção de necessidade, o que por sua vez irá fundar a noção de uma constância científica, de uma regularidade ou de uma lei científica. Nós dizemos que uma lei científica expressa uma relação necessária ou pelo menos probabilisticamente necessária entre duas coisas. Se é necessário em termos absolutos ou se é necessário em termos probabilísticos, para fins dessa discussão, não faz a menor diferença. Esse elo de necessidade é aquele com o qual nós estruturamos praticamente todo o mundo físico que nos rodeia, e que também é a necessidade que orienta a nossa noção de probabilidade e, portanto, de possibilidades. Ou seja, em cada situação você vê que há certas coisas que não podem ser mudadas, não podem voltar atrás, e outras que você tem uma certa margem de manobra.

Mas como a razão pura poderia impor aos dados dos sentidos a noção de impossibilidade, se não houvesse uma experiência anterior da impossibilidade? Ora, todos os seres humanos têm a experiência da impossibilidade da maneira mais direta, mais física e mais corporal desde o nascimento. O bebê que está na cama e que tenta alcançar um objeto que está fora do seu alcance, ele tem a experiência maciça da impossibilidade. Por esse motivo, eu não creio que essa noção de impossibilidade, e portanto necessidade, seja inteiramente uma criação da razão pura, ela tem algum fundamento, alguma causa na experiência. Por isso, eu não vejo como se poderia, por exemplo, desenvolver a ciência da lógica sem essa experiência preliminar da impossibilidade física.

Nós podemos dizer que toda a impossibilidade física é apenas relativa, porque nós podemos conceber um outro mundo onde aquilo que é fisicamente impossível neste mundo fosse possível. Mas isto é apenas uma invenção. Na verdade, eu acredito que a experiência da impossibilidade é uma das primeiras que o ser humano tem; da mesma forma, a própria experiência da dificuldade. Por exemplo, a dificuldade que uma criança tem para se manter de pé e aprender a andar: quantos tombos ela não precisará levar até aprender? Aí você percebe que está se chocando contra uma necessidade física invencível. Sem essa experiência a noção da impossibilidade nos seria totalmente impossível. Dito de outro modo: a impossibilidade física (que é relativa) contém em si mesma a insinuação de uma impossibilidade absoluta, porque a impossibilidade que é relativa, em teoria, é uma impossibilidade absoluta na circunstância concreta. Por exemplo, um prisioneiro que quer se evadir de sua cela e não encontra [0:10] um buraco, não encontra uma chance, ele está vivendo uma impossibilidade absoluta, embora em teoria ela seja apenas relativa, porque você pode

conceber um outro mundo, onde os muros das prisões sejam de geléia ou coisa assim — isso não é inconcebível.

A própria distinção entre a impossibilidade absoluta e impossibilidade relativa seria impossível sem a experiência da impossibilidade, que é relativa sob certo aspecto e absoluta sob o outro aspecto. É relativa se você considerar a hipótese de um outro mundo, mas se torna absoluta nas condições deste mundo em que você está. Por estar condicionada ao quadro deste mundo, ela é dita relativa, mas vivenciada como absoluta. Esta, por exemplo, é uma experiência que tem de ser meditada muitas vezes, porque o confronto da impossibilidade absoluta com a impossibilidade relativa e com a possibilidade é um instrumento de medida absolutamente indispensável para você desenvolver um mecanismo que se chama senso do real. Por exemplo, o que dá para fazer diante de uma situação qualquer, o que se pode fazer? Todo ser humano se pergunta isso. Você tem uma dívida monstruosa e se pergunta: “o que eu posso fazer? Como eu posso sair disso?”. Ou seja, você está explorando possibilidades teóricas. E quando perguntamos “o que podemos fazer?”, estamos medindo os fatos, os dados da situação, na balança da possibilidade e da impossibilidade. Isso é um elemento comum da nossa experiência.

Quando você vê os debates públicos no Brasil, você percebe que as pessoas não têm a menor noção disso aí. Quando surge essa discussão de “queremos uma intervenção militar”, eu digo: “Vamos imaginar como se torna possível uma intervenção militar e o que acontece depois”. E postei no *Facebook* uma lista de perguntas que teriam de ser respondidas numa discussão de Estado-Maior, antes de se tomar uma decisão. E só de você formular as questões, você já vê que a coisa é de uma complexidade tão imensa, que está de fato esbarrando com um muro de impossibilidades, ou pelo menos de dificuldades praticamente invencíveis. E no meio de toda a discussão a respeito, não vi ninguém abordar isso aí.

É incrível! Você tem dezenas de milhares de pessoas opinando “sou contra ou a favor”. Você é contra ou a favor do quê? O que é e como é uma intervenção militar? O que acontece materialmente e o que acontece concretamente quando se chega a uma intervenção militar? Faz o favor de descrever para mim? As pessoas não fazem isso, às vezes a imaginação do sujeito não alcança. Então ele está querendo uma coisa que não é que ele não consegue fazer, é uma coisa que ele não consegue *imaginar*. E não são pessoas burras, são todas pessoas de formação universitária. Que coisa mais desesperançada. Como um povo pode chegar a esse nível de burrice, de estar completamente fora da realidade, e não perceber que é preciso se instalar na realidade? Como isto é possível? São ações que não levam minimamente em conta o quadro objetivo no qual as ações terão de ser empreendidas. Como se chega a isso? Seria possível fazer um estudo da decadência da linguagem brasileira dos últimos quarenta ou cinquenta anos, não no sentido boboca de erros de gramática — alguns chegam a dizer “as pessoas cometem erros de gramática, é deselegante” — ou então na profusão de gírias, não nesse sentido vulgar, mas no sentido mais profundo de como o uso da linguagem, como um instrumento de instalação na realidade, foi se perdendo completamente.

Hoje mesmo me mostraram uma notícia: “casal transgênero tem um bebê”. Espera aí! eles não tiveram esse bebê, enquanto transgêneros. Ao contrário, o que se deu simplesmente foi que um indivíduo que nasceu homem adotou um nome de mulher e vestiu a camisolinha, e sua mulher, que nasceu mulher, vestiu um pijamão de homem e adotou o nome de Joãozinho ou qualquer outro, e eles fizeram sexo como um homem e uma mulher fazem normalmente, apenas com sensações subjetivas, emoções subjetivas trocadas, porque esse é o papel que eles estão se atribuindo. Assim como um ator, ao representar Hamlet, ele incorpora as emoções de Hamlet, imita imaginativamente as emoções de Hamlet e chega a senti-las de fato. Mas uma

coisa é o que o indivíduo está sentindo imaginativamente, outra coisa é o que ele está fazendo fisicamente. Fisicamente esse casal não é transgênero de maneira alguma, eles podem ser transgêneros vinte e quatro horas por dia, na hora do coito o homem faz o papel de homem e a mulher o de mulher, ainda que imaginando o contrário. Então é muito simples: os transgêneros não procriam. Eles só procriam enquanto homem e mulher normais como qualquer outro, apenas adotando subjetivamente papéis que são mais convenientes a suas fantasias, ou imaginações, ou emoções — como queiram chamar.

Esse é o tipo do que chamo pensamento metonímico: eles são transgêneros sob certo aspecto, mas não o são materialmente — isto que é importante. Eles são sob o aspecto imaginativo. Porque gênero não é um conceito biológico, gênero é um conceito lingüístico. Vejam aquele cretino do Rodrigo Pedroso. Eu disse: “é claro que o gênero é uma construção”, e ele, imediatamente: “O Olavo é adepto da ideologia de gênero”. Mas, ó cretino, como que o gênero não poderia ser uma construção, se ele é um conceito lingüístico? Ele tem de ser aprendido. As palavras *homem e mulher* não são a mesma coisa que o sexo biológico da pessoa. O indivíduo nasce com um sexo biológico, mas para assimilar a identidade daquele sexo, ele precisa ter um instrumento lingüístico para isto. E este instrumento lingüístico tem de ser ensinado, ele não nasce sabendo. Então é claro que o gênero é uma construção, isso é uma obviedade. O problema é apenas saber se o gênero construído através da linguagem, do símbolo etc., corresponde ou não ao sexo biológico. O sujeito nasce homem, ele pode criar uma identidade de menino, que não é fácil de criar. Ou seja, você tem o suporte da linguagem, o suporte da comunicação, a resposta que obtém dos outros, tudo isso entra na construção. Porém, o fato de ser uma construção não quer dizer que seja uma coisa totalmente artificial e separada da natureza.

O que é absurdo é pretender que o gênero que corresponde ao sexo biológico é imposto de fora, e que o gênero que não corresponde é natural, ou seja, só é natural um menino adquirir a identidade de menina, o resto é forçado. Mas me parece que é o contrário: o mais fácil, o mais natural, o que segue a via da facilidade e da simplicidade é o neguinho desenvolver uma identidade que corresponda ao seu corpo, porque ele não vai precisar ficar inventando esse corpo a toda hora porque ele está ali. Cada vez que olhar para baixo, ele vai ver o mesmo pipi de sempre, isso aí não vai mudar, não vai sumir para dentro. Agora, a construção do gênero oposto exige um esforço imaginativo muito maior, e por isso mesmo que tem de se amparar no aprendizado de gestos. Na internet está cheio de cursos de feminização. Se fosse uma coisa fácil, eu poderia dizer num estalar de dedos: “pronto, agora sou mulher, virei a Roxane”. É assim? Não. O negócio é difícilíssimo. O aprendizado da identidade que corresponde ao seu sexo biológico está completo mais ou menos aos quatro ou cinco anos, o aprendizado do gênero oposto pode levar a vida inteira. O sujeito está com quarenta anos e ainda está treinando para ser mulher, aprendendo a impostação de voz ou então tirando o pomo de Adão, fazendo operação, aprendendo a andar.

Um dia eu vi um filme desses no YouTube, o sujeito ensinando outro a andar como uma mulher. Daí ele diz: “As mulheres põem os pés em linha reta, os homens andam com um pé de cada lado”. Ó raios, vivi sessenta e oito anos e não tinha percebido isto! Quer dizer, não é uma coisa natural: o homem anda como homem e mulher anda como mulher, a não ser que aprenda. Então a construção do gênero que se opõe ao sexo é um negócio muito mais complicado [0:20] do que o aprendizado daquilo que já está aí. Como é que as pessoas chegaram a esta impossibilidade de distinguir entre o que é o natural e o artificial? Eu repito: nenhum gênero é natural, todo gênero é construído. Só que um está em harmonia com os dados da natureza e o outro se opõe para construir um terceiro personagem, por assim dizer. É

evidente que nenhum dos dois é inteiramente natural, mas um é mais natural que o outro. Isto é uma distinção que qualquer pessoa tem de ser capaz de fazer sem palavras.

Quando as pessoas estranham, por exemplo, um menino aprendendo gestos de menina ou estranham um transexual, elas estão expressando isto aqui. Como não sabem expressar, como não têm o treino filosófico, elas expressam isso de uma maneira emocional, com repugnância, às vezes de uma maneira até ofensiva, mas elas estão mostrando que no fundo conhecem essa distinção. Apenas como não meditaram a coisa, expressam isso de uma maneira grosseira, de uma maneira tosca; e disso cria-se outro fenômeno, a chamada “homofobia” — termo este muitíssimo errado. A homofobia foi descrita inicialmente como um quadro clínico, ou seja, o sujeito que tem realmente o horror e a repugnância instintiva de um homossexual, de um transexual. É um quadro clínico perfeitamente descrito e que em seguida vira uma ideologia, vira um combate ideológico, estendendo a noção de homofobia a toda e qualquer crítica ou rejeição da homossexualidade, do transexualíssimo etc., o que é um absurdo. Também as pessoas não sabem se estão usando esse termo “homofobia” no sentido clínico ou no sentido ideológico, e tudo isso aí já se misturou.

Nessa altura, que discussão séria você pode ter a respeito, independente de qual seja sua “orientação sexual pessoal”? Porque a realidade é a mesma, a realidade não muda conforme a sua orientação sexual. Se eu mesmo fosse um transex, eu teria de estar dizendo a mesma coisa que estou dizendo aqui porque isso é a realidade das coisas que se impõe a todos. Ou seja, quando toda uma comunidade humana perde a capacidade de expressar o que percebe e, sobretudo, de distinguir entre o que percebe e o que imagina ou entre o que imagina e o que deseja, então é claro que todas as discussões públicas se tornaram absolutamente inviáveis, elas são apenas uma troca de sons sem nenhum significado e, portanto, a discussão passa do terreno da troca de argumentos para a troca de caretas assustadoras, explosões histéricas etc.

No nosso parlamento as discussões são mais ou menos assim, porque nenhuma daquelas pessoas tem formação para falar. Não estou exigindo que tenham formação filosófica, mas eles não sabem falar, não sabem dizer os nomes das coisas e, sobretudo, não sabem dizer os nomes das suas próprias percepções, emoções, reações etc. Não adianta você perguntar aonde isso vai parar, porque a resposta é a seguinte: não vai parar, isso só pode piorar. A não ser que haja a restauração de uma legítima autoridade intelectual capaz de impor certas exigências para todo e qualquer debate. Mas hoje isso não existe, nós não temos uma camada intelectual preparada para isso. E pior ainda, aqueles que representam a camada intelectual, que foram autorizados a exercer profissões intelectuais, por meio de um diploma universitário, são os piores, são os que mais confundem as coisas.

Essa semana mesmo eu dei o exemplo de pessoas que dizem que um transexual é uma alma de mulher no corpo de homem e, dois minutos depois, dizem que as diferenças psicológicas entre homens e mulheres são apenas construções sociais. Mas se é construção social, o sujeito não pode ter nascido mulher no corpo de homem. Se a identidade masculina dele foi imposta, criada de fora, a feminina também foi, aliás, muito mais, porque o aspecto imitativo no transexual é uma coisa mais do que notória: o sujeito tem que passar a vida aprendendo a imitar. Por outro lado, quanto tempo um menino, que nasceu menino, tem de imitar homens para se transformar em homem e ter uma identidade de homem? Em um ou dois anos ele imita isso, ele vê o pai, vê o tio. Talvez ele imite um pouco, mas essa imitação é tão fácil que ele passa por isso sobre rodas; ao passo que a imitação do outro sexo é um negócio complexo, precisa de um curso universitário. E quando você chega a precisar de uma intervenção cirúrgica, isso prova que a coisa não é natural de maneira alguma, que é um esforço

deliberado, no sentido de que precisa de muita ajuda externa. Mas como é possível que as pessoas não percebam isso?

Note bem, hoje no Brasil tudo o que nós dizemos o ouvinte capta de acordo com o interesse que ele tem. Ou seja, toda palavra que ele ouve, ele interpreta de acordo com a sua própria área de interesse, não de acordo com a área de interesse de quem está falando; isso significa que ele não realiza a conversão normalmente necessária.

Explico-me. Quando sabemos que há uma diferença entre nós e o locutor, temos de nos colocar imaginativamente na sua posição para podermos realmente compreendê-lo. Quer dizer, as pessoas falam desde um certo ponto de vista que corresponde a sua própria cosmovisão; essa cosmovisão não é a minha e, portanto, eu tenho de fazer uma conversão para entender o que elas estão dizendo. Quando conseguimos fazer isso, chegamos a um nível de adequação comunicativa muito grande. Você não precisa ser pessoalmente um comunista para entender Karl Marx, basta você se tornar imaginariamente comunista, enquanto você o está lendo, e vai entendê-lo nos seus próprios termos. Mas e quando você não percebe que existe essa defasagem? Então quer dizer que você está reduzindo o discurso do outro a um aspecto do seu próprio discurso. Ou seja, você não está entendendo absolutamente. Se não há pessoas habilitadas para fazer essas distinções, comparações e aproximações, todo o debate público é inteiramente absurdo.

Quando se falava, por exemplo, do *impeachment* da Dilma. Se não fosse eu para lembrar aos caras, eles não teriam percebido que um processo de impeachment pressupõe a aceitação de que o mandato é legítimo — você não pode fazer o impeachment de alguém que não é Presidente da República. Portanto, de certo modo eles pularam uma etapa. Ou seja, antes de discutir se é possível um *impeachment* ou não, é preciso discutir se a mulher é presidente, isto é, se a eleição foi legítima. Uma coisa veio primeiro, a outra vem depois. Se encerrou a discussão lá: “nós fizemos aqui o exame, chegamos à conclusão de que o mandato é legítimo, a eleição foi limpa etc., mas ela não presta, está roubando etc. *Aí, sim, impeachment*”. Quando fizeram o *impeachment* do Collor, fizeram porque não havia a menor dúvida de que ele tinha sido vencedor nas eleições, venceu por uma ampla margem, e não foi com votinho eletrônico. Quando eu disse isso, as pessoas até tomaram um susto. Mas como é possível não perceber que para acontecer uma coisa, a outra tem de ter acontecido antes? É para se perguntar: o que está acontecendo nesse país e por que as pessoas ficaram tão tapadas assim? Gente, isso não é normal. E quando começa assim, então é absurdo você exigir que na esfera legal e moral tudo esteja funcionando bem, quando na esfera cognitiva está tudo destruído. Isso simplesmente não é possível.

Mas é isso mesmo que as pessoas estão querendo, ou seja, elas estão querendo corrigir a ordem pública antes de corrigir a opinião pública, corrigir a mentalidade pública. Isso não dá para fazer, é um idealismo exacerbado, você está querendo um milagre, na verdade. Porém, quando voltamos a questão da autoridade intelectual e perguntamos: “quem é a autoridade intelectual?”, então entramos em um outro problema muitíssimo maior, que foi esse que eu abordei no último artigo do Diário do Comércio, com o nome “O Estado e a razão”. Aliás, um artigo cheio de erros de digitação, em decorrência da doença de Lyme, de vez em quando amortece a minha mão esquerda e as teclas saem todas erradas, tenho de corrigir mil vezes. Saiu um monte de erro, mas eles corrigiram.

Neste artigo [0:30] eu levanto a questão: “por que o Estado tem autoridade?”. Eu não estou perguntado por que o estado tem poder. Ele tem poder porque ele tem dinheiro, porque extorque o dinheiro das pessoas, porque usa a força armada; como dizia Max Weber, ele tem o

monopólio do uso legítimo da força física, ele pode agarrar você e levá-lo aonde você não quer ir — isso somente o Estado pode fazer. O Estado tem os meios físicos de se impor — e isso é o seu poder. Mas no artigo eu perguntei: “se a autoridade do Estado é um poder reconhecido como legítimo, de onde ela vem?”. A resposta foi dada por Hegel há mais de 200 anos. Mas quem vai estudar Hegel no Brasil? Hegel comete erros monstruosos, mas, ao mesmo tempo, tem um domínio da técnica filosófica de você tirar o chapéu. Hegel aguça sua inteligência de uma maneira, que eu acho que não há outra pessoa que o faça — talvez só Aristóteles. Acho que, para aprender a técnica filosófica, nada se compara a Aristóteles e a Hegel do ponto de vista da força pedagógica, de mostrar como se faz. E Hegel disse uma coisa básica: ele disse que o Estado é a maior criação da razão humana. Ele tem razão: você não pode comparar o Estado com nenhuma outra teoria científica, com nenhuma ponte, com nenhuma obra de arte, com nada que o ser humano tenha feito; é uma construção monstruosa, que abarca tudo. E é uma construção racional hierárquica. Então ele tem razão: o Estado é a maior criação da razão humana.

Acontece que, após ser a maior criação da razão humana — e justamente por isso — ele se torna a personificação única e suprema da razão. Por que eu digo isso? Vamos supor que eu seja um cientista, que esteja estudando certas coisas e que tenha chegado a certas conclusões. Quando eu enuncio minhas conclusões, alguns cientistas vão concordar, outros discordar. Quando minha teoria vai adquirir autoridade, isto é, quando ela será aceita como uma verdade unânime e inquestionável? Só na hora em que o Estado a consagrar em lei. Na hora em que o Estado diz que “isto aqui é obrigatório para todo mundo”, pronto, acabou: está consagrada a teoria científica. Isso quer dizer que a autoridade estatal está acima da autoridade científica, e é ela quem determina o que é autoridade científica e o que não é. Ou seja, nenhuma ciência pode opor-se à autoridade do Estado que a legitima — não há como fazer isso. Por exemplo, nesta questão do aquecimento global, em torno da qual ainda não chegaram a um consenso: uns dizem que existe aquecimento global, outros dizem que não. Por que não chegaram a um consenso? Porque o Estado ainda não impôs nada; por enquanto ele está apenas forçando todo mundo a aceitar a idéia do aquecimento global de causas humanas, mas ainda não impôs como lei. Ainda não é proibido ensinar o contrário. Ninguém vai perder necessariamente o emprego por conta disto — embora às vezes até isso ocorra —, mas, pela legislação atual, ainda não é proibido ensinar a hipótese contrária nas escolas.

Então, aquele negócio de *Roma locuta est, causa finita est* não é o que ocorre, mas o contrário. É justamente quando o Estado fala que a discussão acaba, pois é neste momento em que a conclusão adquire uma autoridade de uma verdade obrigatória para todos. Nenhuma ciência tem isso. Na verdade, a ciência, por si só, não tem autoridade alguma. Um cientista, por acaso, tem força policial para impor autoridade de sua investigação? Não tem.

Isso quer dizer que todo o esforço cognitivo do ser humano culmina no Estado. Isso foi o que criamos com o nome de democracia. E disto vem outra lição do Hegel: toda e qualquer idéia, quando se incorpora no fluxo da história, transforma-se na sua oposta. Isso é a coisa mais bem observada desde Aristóteles. Quando você diz “ah, agora vamos derrubar o absolutismo e instalar a democracia”. A democracia é o voto livre (todo mundo pode votar), é o império da lei e da ordem (o que é votado como lei tem de ser obedecido, tudo pode ser discutido, mas, na hora em que vira lei, não se discute mais), e é a tripartição de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), tal como concebeu o Barão de Montesquieu. Mas a pergunta é a seguinte: como pode haver liberdade de democracia se o povo inteiro é obrigado a pagar para sustentar umas poucas centenas de pessoas que vão passar o tempo todo criando obrigações e proibições para eles? Isso quer dizer que a mera existência de um poder legislativo permanente é um obstáculo à democracia. Esse obstáculo não vem de fora, não é uma ditadura, mas é um

obstáculo que vem de dentro da democracia, isto é, ele vem através do poder eleito. Através do Poder Legislativo livremente eleito pelos cidadãos a democracia vai gradativamente transformando-se em tirania, na medida em que o número de leis se torna inacessível ao conhecimento do cidadão. Então você está ali com milhões de obrigações que você desconhece e violando milhões de proibições que você também desconhece — a população inteira é colocada fora da lei e o Estado escolhe, dentre os vários fora da lei, quais ela vai punir e a quais ele vai fazer vista grossa. Isso é resultado do próprio funcionamento normal da democracia e isso já é uma tirania.

Então o velho Hegel tinha razão; ele observou as coisas muito bem. Nesta semana, eu mesmo fui personagem de uma dessas inversões de significado de uma idéia quando o pessoal do Facebook fechou minha página por causa da foto dos meus dois netos tomando banho na banheira no quintal. Quando surgiu, nos anos 1960, a idéia do “sex lib” (da liberação sexual), parecia que aquilo iria atenuar os controles sociais existentes sobre as condutas sexuais das pessoas e sobre toda e qualquer conduta, portanto haveria, como dizia Marilena Chauí, uma “ampliação de direitos”, ou uma “ampliação das liberdades”. Porém, como esta idéia da ampliação, por si mesma, não tem limites naturais — ou seja, como ela vem junto com a idéia de que, em princípio não há condutas imorais, de que toda a imoralidade está no olho do observador, que considera aquilo como moral ou imoral, mas que não existem condutas morais ou imorais desde que aquilo não fira a estrutura da sociedade —, como isso tudo vem implícito na idéia do “sex lib”, a própria idéia vai ampliando naturalmente a área das condutas morais admitidas.

Não foi pra isso que fizeram o “sex lib”? Para poder fazer mais coisas que antes não podia? Aí chega o dia em que, depois de entrarem gays, transexuais, feministas, abortistas, entram também os pedófilos. Não é uma coisa natural? É absolutamente inevitável, porque não há definição sobre o que é normal ou anormal, portanto, não há definição sobre o que é moral ou imoral — na verdade, a idéia pode se estender indefinidamente.

Quando se procede então à erotização das crianças, isso traz consigo a idéia da total destruição da inocência infantil, e, uma vez destruída a idéia da inocência infantil, qualquer foto de um bebê pelado passa a ser erótica, do ponto de vista do pedófilo. A partir disso, para proteger o cidadão do olhar do pedófilo, proíbem-se as fotos de crianças peladas. E elas viraram eróticas realmente, a partir deste momento. Ou seja, toda a população é obrigada a ver com olhos de pedófilo. Mas todos nós sabemos que não há nada mais diferente no mundo do que a afeição que um pai ou uma mãe têm pelo filho e o desejo do pedófilo — são duas coisas completamente diferentes. Mas, com o processo normal da democracia, isso se tornou indiscernível. Portanto, só restou uma saída: proibir tudo. Fica tudo democraticamente proibido — exceto aquilo que seja interessante para o crescimento do movimento “sex lib”. Assim, colocar um menino sambando seminu numa parada gay como Carmem Miranda passa a ser normal e moral, mas fazer uma fotografia de uma criança tomando banho inocentemente é imoral. Isso não me espanta, [0:40] porque é a dialética normal da democracia.

Nada disso me espanta, porque eu estudei muito Hegel, aprendi o máximo que eu podia com ele e vi que estes processos de conversão de uma idéia na sua contrária são uma coisa onipresente na história. Quando analisamos a política liberal, e, mais especificamente, a libertária, que diz que ninguém não pode impor nenhuma idéia moral à população, mas, ao contrário, que se deve deixar as pessoas escolherem as idéias como se a moralidade fosse um mercado — ou seja, a liberdade de mercado tem de vigorar entre as idéias e normas morais —, então o que o pessoal escolher será o certo — essa idéia dá a impressão de que vem a favorecer a liberdade, favorecer a democracia. Mas acontece que, se todas as idéias são

colocadas no mercado de livre escolha, então uma escolha, em princípio, não é melhor do que qualquer outra. Então o valor de mercado transforma-se no único valor: esse é o valor imperante. O que equivale a dizer que o exercício da razão é neutralizado, porque só existe uma racionalidade possível — que é a racionalidade econômica. Ou seja, é uma sociedade em que não há valores morais, não há valores culturais, já que tudo pode ser questionado. É o *Cambalache*: *!todo es igual, nada es mejor!* Mas tem uma coisa que é intocável, que é a ordem econômica: você tem de trabalhar, produzir riquezas e comerciar. O indivíduo pode viver numa confusão psicológica e moral desgraçada, desde que ele acorde na hora certa, vá trabalhar, ganhe dinheiro e não gaste mais do que ganhou. Esta é a única racionalidade que existe.

Agora, e se, no mercado das idéias, as idéias tirânicas vencerem? Quem poderá opor-se a elas? Ninguém pode — desde que persista a racionalidade econômica. Eis como, pregando a liberdade, você gera a tirania. Hegel disse isso há mais de duzentos anos. Por que as pessoas não aprenderam isso? Porque ler Hegel é muito difícil, dá muito trabalho, e ninguém quer fazer esse exercício. Quando o faz, é no sentido puramente escolar de entender as idéias de Hegel como as idéias de um filósofo. Não estão interessados na veracidade ou na falsidade, estão interessados em saber o que Hegel pensava. Então você já neutraliza a filosofia reduzindo-a a um dado histórico relativo a um indivíduo qualquer pelo qual você tem um interesse histórico. Mas isto não é treinar Filosofia. Hegel estava interessado no quê? Na filosofia de Hegel? Não. Ele estava interessado no Estado, na história, na realidade das coisas. Estudar filosofia serve para você aprender a fazer estas distinções não na filosofia de Hegel, ou na filosofia de Aristóteles, mas sim na realidade.

A elite da filosofia — Hegel, Aristóteles, Leibniz, São Tomás de Aquino etc. — entrega um conjunto de conceitos que são verdadeiras maravilhas, que são jóias de pensamento, que são ferramentas muito finas. E o sujeito escolar as usa para entender a filosofia de Hegel, para entender a filosofia de São Tomás de Aquino, e não para entender a realidade. Mas isso não é mais filosofia: isso é uma espécie de filosofia de segundo grau. É como se você construísse aparelhos óticos que só servem para olhar outros aparelhos óticos: é um telescópio que serve para olhar outro telescópio, que serve para olhar outro telescópio, e isso não termina mais. E esta perversão é o que se vende com nome de ensino da filosofia, e por isso que surgem as Vivianes Mosés, os Clóvis dos Burros, os Paulo Ghiraldelli e toda esta série de pigmeus, de pessoas quase retardadas mentais, que não sabem a diferença entre uma identidade e uma analogia, ou seja, que não sabem quando uma coisa parece com a outra ou quando é a mesma coisa.

A ideologia de gênero é toda construída em cima disso, e muitas das objeções às ideologias de gênero também. Por exemplo, quando saiu esta notícia do casal transgênero que teve um bebê, e alguém escreveu “coitada desta criança”, eu pensei: coitada por quê? Vamos supor que aqui haja um homem vestido de mulher, falando com voz de mulher, e ele é a mamãe; e ali há uma mulher vestida de homem, com voz de homem, e ela é o papai. A criança, alguma vez, vai abaixar as calças deles para ver quem é homem e quem é mulher? Se os papéis forem mantidos, esse casal pode educar uma criança perfeitamente bem. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Quer dizer, estão confundindo uma perversão mental, uma perversão cognitiva terrível, com uma imoralidade aparente. Na minha família há um monte de homens e um monte de mulheres. E eu nunca abaixei as calças de nenhum deles para ver se eram homens, mulheres ou transgêneros. Alguém fez isso? Ninguém fez. Portanto, se as identidades forem mantidas, pode até haver alguma dificuldade em princípio, mas não vejo como daí possa decorrer um dano imediato para a criança. Talvez quando ela tiver uns 20 anos ela descubra e sinta que foi enganada — talvez. Mas nem mesmo isso é seguro.

Ou seja, as pessoas olham o problema de acordo com um prisma que é muito subjetivo. Diante da situação, elas não procuram saber o que é, elas procuram saber como aquilo as afeta, o que elas sentem diante daquilo, e expressam isso com uma reação. Mas a reação muitas vezes é perfeitamente inadequada ao que está acontecendo de verdade. Que as pessoas do povão façam isso, tudo bem. Mas é uma população universitária que o faz. E, às vezes, são pessoas que detêm cargos importantes e que exercem uma influência pública sobre pessoas, às quais impõem a sua própria deformidade mental. Isso é muito mais grave do que o aspecto propriamente moral da coisa. O que é uma mera imoralidade comparada à destruição do aparato cognitivo das pessoas? Não é nada. Então, como uma coisa sobrepôs-se à outra? Isso aconteceu porque um lado está falando em nome do seu desejo, da sua fantasia; e o outro, se você quer saber, também está. Não há um exame sério da questão. Todo mundo está querendo apenas expressar os seus desejos, os seus sentimentos. E não se pode perguntar aonde isso vai parar, porque já não parou, nem vai parar. Só a criação de uma verdadeira autoridade intelectual pode parar isto. Porém, enquanto essa autoridade estiver nas mãos do Estado, e o Estado estiver ocupado por estas mesmas pessoas, não há esperança.

Só há uma esperança. O historiador Jacob Burckhardt, no seu livro maravilhoso chamado *Considerações sobre a História Universal*, diz que existem três fatores históricos fundamentais: o estado, a religião e a cultura. Eu fundiria religião e cultura, pois são aspectos da mesma coisa. Assim, teríamos o Estado e a cultura. A cultura é criada pela sociedade civil, pela iniciativa pura de pessoas que querem fazer isso. Por que o sujeito pinta um quadro, ou escreve um livro, ou compõe uma música? Porque quer. Porque ele sente que este é o seu instrumento, a sua vida, o seu papel no mundo, então ele o faz porque quer.

Nenhuma entidade é a detentora da razão. Essa concepção de que o Estado é a culminação da razão é apenas um pensamento metonímico, pois o Estado é uma criação da razão, é o resultado das ações de milhares de pessoas que, agindo segundo sua razão, foram criando as instituições, as leis, os costumes, os valores, e foram concentrando tudo isto numa entidade chamada Estado.

O Estado é fruto da ação de milhões de pessoas. O Estado é o produto da razão, portanto ele não pode ser por si mesmo o portador da razão — o que seria um pensamento tautológico. O Estado pode representar a razão sob certos aspectos, abstrativamente; mas concretamente o único portador da razão é o indivíduo humano. Você pode dizer que “duas cabeças pensam melhor do que uma”, mas acontece que cada [0:50] um pensa as suas próprias idéias, e não as idéias do outro. O único portador da razão é o ser humano concreto, e, portanto, a razão está disseminada entre milhões de pessoas que compõem a sociedade civil, e estas têm de ser a suprema autoridade — nunca o Estado. Por que isso não acontece? Porque a política divide-se entre amigos e inimigos do Estado: os amigos chamam-se socialistas, comunistas, fascistas, nazistas, e eles gostam de concentrar a autoridade e mandar em todo mundo; e os inimigos chamam-se liberais, *libertarians*, conservadores, como queiram. Mas estes últimos, quando querem limitar a autoridade do Estado, querem mudar as leis, ou seja, querem mudar o Estado e, com isso, acabam aperfeiçoando sua autoridade de algum modo, tornando-o cada vez mais poderoso. Quando, no entanto, é óbvio que o único caminho para limitar o Estado não é limitá-lo por dentro — pois aí é ele mesmo quem se está limitando — mas sim fortalecer a sociedade civil. O caminho é estimular tudo aquilo que nasce espontaneamente, independentemente do Estado e fora do seu quadro legal e administrativo. É aquilo que não está legislado e que não pode ser legislado.

Dito de outro modo, só existe racionalidade fora da lei. Não contra a lei, mas fora dela. Um exemplo que eu dei foi o da economia informal: o sujeito criava um negócio não legislado, sem registro, sem nota fiscal, não regulamentado, e isso passou a responder por quase sessenta por cento do PIB. Então isto tinha de ser incentivado e seria preciso resistir bravamente a toda e qualquer tentativa de legislar a respeito. O que garantiu, por exemplo, a liberdade de imprensa nos Estados Unidos? Foi um artigo da constituição que disse que *“este congresso não legislará sobre a liberdade de imprensa.”*

Não existe nenhuma lei sobre a liberdade de imprensa na constituição americana — nenhuma lei que a limite, nenhuma lei que a proteja. É uma região onde o Estado não entra, e, por isto mesmo, a liberdade persistiu. À medida em que começa a legislação, começa a limitação à liberdade de imprensa — mesmo que seja uma lei que vise sua proteção. Não é possível limitar a autoridade do Estado desde dentro, modificando o próprio estado, ou mesmo enxugando o Estado, mas somente fortalecendo a sociedade civil e incentivando tudo aquilo que seja alheio ao Estado — as atividades de auto-organização da sociedade civil.

Por que vocês acham que o MST progrediu? Porque ele não tem existência legal. E o Estado é tão esperto que utiliza até uma entidade legalmente inexistente como instrumento do seu poder. Por outro lado, se você chamar os liberais para propor fazer uma associação fora da lei, eles dirão que não se pode fazer isso, porque “nós temos de respeitar as instituições”. O lado que é a favor da centralização do poder do Estado sabe utilizar uma associação paralegal, mas nós que, em princípio, estamos contra o poder do estado, não podemos fazer isso? Nós temos de nos submeter ao Estado, e eles não? Estão percebendo o nível de burrice, de estupidez de todas estas discussões? E a única coisa que está se opondo a isto é este curso.

É claro que existem subprodutos deste curso, mas estes subprodutos são de curta duração, porque são iniciativas de pessoas que treinaram pouco para chegar lá. São de pessoas que não esticaram o estilingue o suficiente. Que não deram um passo atrás para dar dois à frente, que não passaram pelo período de recuo. Não por culpa delas, mas porque os acontecimentos precipitaram-se, e as pessoas, no faniquito do “precisamos fazer alguma coisa”, começaram a fazer. Isso é até moralmente justificável, mas, do ponto de vista prático, é completamente contraproducente.

Desde quando eu me dispus, por exemplo, a dar um curso de formação de lideranças políticas, até agora não apareceu nenhum interessado. E se aparecer um agora, ele vai querer aprender em dois meses o que levaria cinco anos. Esta falta de recuo reflete uma insensibilidade ao peso da realidade, portanto reflete uma insensibilidade à noção do impossível, que é absolutamente preciosa. Se você não sabe o que é impossível, ou você não vai saber encontrar uma brechinha de possibilidade, ou então você vai esbarrar numa impossibilidade cada vez maior.

Este é um problema que não é exclusivo do Brasil: esta confusão mental ocorre no mundo inteiro. Como, por exemplo, uma democracia do tamanho da americana, que é uma máquina tão bem construída, não consegue expulsar um falsário como o Obama, que é só um vigarista, um falsariozinho, um bandidinho? Poderiam ter-se livrado dele em apenas uma semana, se fosse no começo. Como é que não conseguem? É porque o sistema confia tanto em si mesmo que ele não averigua suas próprias fraquezas.

Eu conheci aqui nos Estados Unidos pessoas muito boas, que, quando eu contava sobre a falsidade dos documentos do Obama, elas diziam que isso era algo impossível, que jamais se aceitaria um candidato sem se averiguar seus documentos. Eles estavam dizendo que isto

jamais aconteceria, no entanto aconteceu. Mas o argumento de probabilidade de nada vale contra um fato: se uma coisa aconteceu, é porque ela é possível por definição. Você não precisa questionar se o que aconteceu é possível, ou se é verossímil, ou se parece absurdo, porque o fato é a medida da possibilidade. O que aconteceu é, por definição, possível.

Qualquer um que examine os documentos do Obama perceberá que eles são obviamente falsos. Não há a menor possibilidade de que sejam autênticos. Como é possível, então, que uma nação de trezentos mil habitantes, que é a mais velha democracia do mundo — aliás, que é o mais velho e mais estável regime político do mundo — fica impotente perante um bandidinho? A explicação é a de Hegel. Como é que a idéia de um sistema, tão perfeito, um sistema que tem estes esquemas de *checks and balances*, de forças opostas que se controlam, que se políam uma máquina tão bem calculada, vê-se impotente para resolver um problema tão pequeno? Leia Hegel, e você entenderá. Quanto mais perfeito o equipamento, maior a probabilidade de dar encrenca, porque o equipamento vai se complicando, e se complicando, e se complicando. A força legiferante do executivo americano, por exemplo, é uma grandeza. Aqui nos Estados Unidos, qualquer regulamento sobre qualquer porcaria pode ter cem páginas. É algo inabarcável pela população.

Então, aquele princípio segundo o qual ninguém pode alegar o desconhecimento das leis já foi para o brejo há muito tempo. Outro exemplo: por que nós chegamos a ter um papa como este Francisco? Por causa do princípio da obediência. Você pode alegar que não se deve obedecer a não ser àquilo que corresponda à doutrina da fé, mas isto significa que, para eu saber se devo obedecer ao Senhor Fulano eu tenho de ler todo o código de direito canônico, toda a patrística grega, toda a patrística latina, todos os teólogos, e daí eu chego à conclusão sobre se obedeco ou não. Isto é impossível. Então o pessoal acaba seguindo o princípio da obediência: “se o homem falou, está falado”. Eu vejo até agora as pessoas relutando em perceber o escândalo que é o reinado deste Senhor Bergoglio, e apegando-se a atenuantes tão mixurucas, tão desprezíveis. Isto é o desespero de quem se colocou frontalmente contra a realidade e só tem refúgio no mundo dos sonhos. “Ah, mas o Papa já disse que isso não está certo!” O quê? Você se apegando a uma reaçãozinha destas? Se fosse realmente Papa, se tivesse alma de Papa, se fosse Papa não somente oficialmente, no seu coração, ele teria dito simplesmente “você tem razão, o Cristo foi crucificado, e tem sido muitas vezes crucificado insistentemente na foice e no martelo”. Era isso o que deveria ter dito¹. Uma reação tão xoxa destas equivale a uma capitulação. [1:00] E pior: depois disso, ele ainda faz um discurso a favor da Pátria Grande, o qual sabemos que é o esquema comunista para a América Latina.

Quando uma desordem assim tão profunda se instala na própria Igreja Católica e no Estado americano, como é que não iria instalar-se numa porcaria como o Estado brasileiro? Significa que nós estamos enxergando uma situação para a qual a camada intelectual está muito abaixo da complexidade do problema. Um dos motivos é lógico: o sujeito interessado em tornar-se um intelectual tem como ideal viver em uma cidade universitária totalmente pacífica, onde viverá cercado por seus pares, com os quais terá diálogos muito polidos, em condição a nunca ter na vida um problema maior do que, por exemplo, uma dívida ou uma prestação atrasada. Dessa maneira, o sujeito não é obrigado a enfrentar realmente a vida — e a profissão universitária é uma das maneiras de fugir da sua complexidade. É claro que são pessoas frouxas; é uma comunidade de frouxos. Uma das coisas mais estúpidas é o sujeito ter medo de apanhar.

¹ Olavo refere-se aqui ao episódio em que Evo Morales, em julho de 2015, presenteou o Papa Francisco com um crucifixo formado por foice e martelo.

Quando eu era moleque, briguei muito; umas vezes bati, outras apanhei. Apanhar era coisa normal naquele tempo. Todo moleque chegava em casa com o nariz sangrando e a mãe nem ligava. Hoje, se alguém olha feio para o tal, a mãe já chama a polícia. Estamos criando uma multidão de frouxos. O frouxo não pode encarar a realidade da vida porque ela é feia demais, logo terá de atenuá-la. E isto é um problema mundial. Em alguns lugares não é assim. Por exemplo, na França os intelectuais ainda são capazes de encarar a coisa terrível quando ela é terrível. Porque a França já foi ocupada por estrangeiros, já comeu o pão que o diabo amassou, ainda tem intelectuais que se lembram do passado, por isso não podem ter medo de que aconteça o que já aconteceu, e, portanto, perderam o medo. Contudo, aqui nos Estados Unidos, quais problemas tem um intelectual universitário? Nunca tem algum problema. É um bando de boiolas, evidentemente.

O que estamos vendo é o seguinte: um crescimento monstruoso do poder e da autoridade do Estado, e o enfraquecimento cada vez maior da sociedade civil. Quando dois milhões de pessoas saem às ruas para pedir a derrubada de uma presidente e ela não cai — e ainda parece ser difícil derrubá-la apesar de tudo o que se sabe —, isso é uma impotência terrível. Note que, as mesmas pessoas que estão contra este governo, ou contra esta forma do Estado, estão fortalecendo-o por outras vias. Só o que é feito à margem da lei, o que é paralegal — não digo ilegal ou anti-legal —, pode expressar o poder da sociedade civil. E a margem do paralegal deve-se a aumentar, ou seja, a margem das coisas que não são nem legais nem ilegais. É isto que os nossos liberais deveriam estar fortalecendo, porém não o compreendem.

Reparem como essas questões mais finas, em termos de distinções filosóficas, às vezes parecem questões puramente técnicas, todavia não existem questões filosóficas puramente técnicas desligadas da realidade efetiva, porque elas foram extraídas da realidade, e foram feitas para você conseguir apreender a realidade e expressá-la. É para isso que existem. Mas se o sujeito entra na faculdade de filosofia e estuda filosofia, em vez da realidade, não aprenderá nada. Ele apenas aprende a expressar, em linguagem filosófica, os maiores absurdos que possa ter pensado. Quando esse senhor Clóvis de Barros diz que a pedofilia é uma forma de amor: logo digo que ele não sabe o que é a palavra amor, não tem a menor idéia do que seja isso. Amor verdadeiro é amor a uma pessoa, e não a uma idade. Se a criança cresce, o pedófilo perde o interesse por ela e irá procurar outra da mesma idade. Evidentemente, não se trata de amor a uma pessoa, mas sim um apego imaginativo a uma característica secundária e passageira de uma pessoa — que é a sua idade. É como no caso do fetichista que gosta apenas de pé. Pergunto: gostar de um pé é gostar de uma pessoa? Será que a personalidade inteira da pessoa está no pé? E se ela sofrer um acidente e ficar sem pé? Você não gosta mais dela, evidentemente. Ou então o pé pega umas perebas, uma micose medonha: “Ha! não gosto mais de você, pois o seu pé estragou!” É claro que isto não é amor. Não estou falando do ponto de vista valorativo e moral, mas sim do ponto de vista cognitivo: esse homem não sabe fazer uma distinção entre afeição a uma pessoa e o apego a um detalhe material. De fato, ele não sabe fazer isso. E como é que se tornou um professor de filosofia? Simples, o professor dele era igual.

Essas coisas estão acontecendo uma atrás da outra. A linguagem da mídia, por exemplo, é inteiramente assim. Quando os jornalistas têm uma notícia que vai contra suas preferências, o que fazem? Trocam o tema específico pelo genérico. Por exemplo, um sujeito de 12 anos assassinou um bebê e a mãe, e daí eles não falam “o assassino”, mas “o jovem”. Desse modo, estão designando o indivíduo pelo grupo etário, e não pela sua atividade. Pois enquanto jovem, ele é igual a milhões de outros jovens que não cometeram crime algum. O que o distingue é o fato de ser um criminoso, mas você não pode usar essa distinção, isto é, o termo específico, por que é feio. Portanto, tem de passar para um termo genérico — e isso é a melhor

maneira de destruir nas pessoas a capacidade de distinguir entre uma coisa e outra. Se você se acostuma a ler coisas assim, está lascado! Será burro para o resto da sua vida. E eles — mídia, professores universitários, senadores, deputados — estão o tempo todo te ensinando a como não dizer as coisas, como dizer tudo errado e, portanto, a pensar tudo errado.

Neste curso, estou transmitindo estes instrumentos a fim de que vocês aprendam a defender-se por dentro. Quando no começo eu pedi um voto de abstinência em matéria de opiniões, foi por isto. Porque ao reagir expressando imediatamente os seus sentimentos, sem que tenha a noção do que está se passando realmente, você, em primeiro lugar, irá cometer injustiças, e, em segundo lugar, dará o tiro sempre no alvo errado — vai mirar em uma coisa e acertar outra.

Tudo o que seja feito ou dito por seres humanos, temos de entender no sentido que eles quiseram dizer. Note que quando este “Rodrigo Medroso” disse que eu era adepto da ideologia de gênero, porque tinha dito que ela é construída efetivamente, ou seja, estou concordando com o ideólogo de gênero num ponto, como nas suas premissas, no entanto, não posso concordar com suas consequências. Ora no treino medieval da *disputatio*, a primeira coisa que se põe é um sujeito para defender uma tese e outro para impugná-la. Quando um sujeito termina o discurso, o impugnante terá de declará-la, em primeiro lugar: o quê que você vai refutar no que o outro disse? Vai refutar as premissas, a estrutura do raciocínio, somente as conclusões, a acepção das palavras, enfim, o quê precisamente? Uma vez que você vai discutir ideologia de gênero, você tem de saber onde vai acertá-la. Se ela tem uma premissa certa, e você ficar contra ela, aí estará fazendo papel de palhaço. Mas nem isto as pessoas sabem. Alguns dizem: “ah! a ideologia de gênero é coisa do diabo, não quero nem entender, e sim falar mal”. Obviamente será feito de palhaço e vai perder a discussão — coisa que está exatamente acontecendo. Ou seja, uma pessoa desta como o senhor “Rodrigo Medroso” nunca poderá entrar nessa discussão, pois não está qualificado. É melhor ficar quieto no seu próprio canto. Deixe o profissional habilitado tratar com isto.

Que o gênero seja uma construção, quem quer que não concorde com isto mostra apenas sua total ignorância: sexo é um conceito biológico e gênero é um conceito linguístico. E se é um conceito linguístico, logo só pode ser construído. Este não vem da natureza, ou seja, a identidade de um sujeito tem de ser aprendida — uma coisa é sua identidade física, outra sua identidade psíquica, coisa que ele pensa sobre si mesmo e não dá para pensar sem a ajuda da linguagem, de símbolos etc. Será que é difícil entender isto? Para algumas pessoas não é difícil e sim impossível. Este é o ponto em que chegamos. Existem milhares de pessoas dando palpites sobre tudo.

É claro que gostaria que toda esta gente fosse substituída por alunos meus. Eu tiraria todos do caminho e diria: só o pessoal que fez o COF pode dar palpite, pois só eles estão habilitados. Acredito que isto é uma realidade mesmo. Tenho comigo que um aluno meu com seis meses ou um ano de treinamento já está muito melhor que esses professores universitários. E muito mais qualificado para opinar, embora às vezes também caia [1:10] nesse emocionalismo e inadequação — ninguém é perfeito. Mas com o tempo vocês vencerão a tudo isto, começarão a encarar as coisas com muito mais clareza e domínio do que está se passando efetivamente e, quando acertarem, acertarão mesmo. Isso, por exemplo, é como estar em uma briga: dar porrada qualquer um sabe, mas o problema não é dar porrada e sim acertá-la. E você só poderá acertar onde o inimigo estiver e não onde não estiver. Pois se der um soco aqui e o nego estiver ali, perdeu o seu precioso tempo.

Aqui tenho várias perguntas interessantes, mas antes de entrar nelas, gostaria de lembrar um aspecto. Eu sempre digo a vocês para que tenham uma idéia de para aonde está indo a política mundial. Não se tem de prestar atenção no que os políticos estão dizendo, mas àquilo que está sendo discutido em pequenos círculos de intelectuais que são discretamente, mas poderosamente, influentes. O que está sendo dito ali é o que virá a ser política dentro de alguns anos — às vezes dez anos ou mais.

Muitos anos atrás li este livro aqui intitulado *Aparições de Maria*, escrito por um autor espanhol chamado Isidro Juan Palacios, o qual é um sujeito dos círculos duginistas na Europa Ocidental. O livro foi publicado em 1994 na Espanha e 1995 no Brasil, portanto não há desculpa para dizer que o ignoram completamente. E a tese dele é a seguinte: a consagração que João Paulo II fez do mundo já é a consagração da Rússia, e, portanto, agora é a portadora da grande mensagem espiritual ao mundo. Sabemos que a consagração que João Paulo II fez não abrangeu a Rússia de maneira alguma, pois esse foi o depoimento do padre Gabriele Amorth, que organizou aquela cerimônia. Mais tarde, em depoimentos, Amorth disse que João Paulo II perguntou várias vezes aos políticos do Vaticano, secretários de Estado etc. se poderia mencionar a Rússia, e a resposta foi sempre não. Ou seja, não houve consagração da Rússia coisíssima alguma, e, no entanto, esta farsa está sendo aprontada desde 1994 (pelo menos). Esta data foi quando o sujeito publicou o livro, mas não sabemos quando ele começou a discutir isto com Dugin. E agora, a coisa já está consumada. Eles consagraram Putin como o grande representante do Cristianismo Conservador no mundo, usando isto como um argumento antiocidental, e, portanto, anticatólico no fim das contas, ao mesmo tempo em que este mesmo esforço é ajudado pelo senhor Bergoglio, desde o seu trono romano. Isto é um exemplo para que vocês vejam como acertar nas previsões: vocês devem se concentrar naqueles intelectuais decisivos, no que eles estão discutindo e planejando, e sobretudo se são intelectuais ativistas como esses o são.

Logo não há desculpa nenhuma àqueles conservadores que agora estão deslumbrados com o Putin, pois isso é uma farsa montada com muita antecedência — é um plano de escala mundial. Evidentemente, a incorporação de um discurso cristão conservador pelo Putin não significa absolutamente nada. Porque a estrutura de poder é a mesma, as pessoas são as mesmas e não há novidade nenhuma com respeito à Rússia, ela continua proibindo internamente e fomentando externamente — coisa que a antiga União Soviética já fazia. Por exemplo: no ocidente estão fomentando “sex lib”, gayzismo, abortismo etc., porém tudo isso é proibido lá dentro, eles não querem essa confusão — é a coisa mais óbvia do mundo. Vemos que estão aplicando o mesmo truque novamente e cretinos como Júlio Severo estão caindo — se bem que o Júlio Severo não é católico, ele tem pelo menos essa desculpa. Mas um católico caindo nisso... aí de jeito nenhum! Pois por pior que seja a situação, a sede do Catolicismo é Roma e continuará sendo. E o papa por pior que seja, é o que temos, não sei se a eleição dele foi válida ou não, não entrarei nisso, pois não tenho capacidade para discutir. Entretanto, não há nenhum impedimento que o papa seja um canalha, desde que ele não mexa na doutrina, ele está formalmente correto.

Aluno: o que e por onde começar a estudar Hegel?

Olavo: recomendo enfaticamente começar por este livro de W. T. Stace, *The Philosophy Of Hegel A Systematic Exposition*, creio que é o melhor livro que já li sobre Hegel. Também recomendo o livro do Benedetto Croce, o qual se chama *O Que Está Vivo E O Que Está Morto Na Filosofia De Hegel* (*Ciò che è vivo e ciò che è morto della filosofia di Hegel*), do qual existe uma tradução espanhola, acredito que pela Editora Aunova, se for difícil ler em italiano, leia então em espanhol. Deve haver uma tradução inglesa e outra francesa. E a própria obra sobre lógica

do Croce, que é livro eminentemente hegeliano, *Logica Come Scienza Del Concetto Puro* (*Lógica Como Ciência Do Conceito Puro*); com isto aqui você já aplanou o caminho e está pronto para entrar direto na leitura do Hegel.

Aluno: A sua aula está genial. As minhas perguntas são: número um, seria um delírio meu entender que o máximo de rebeldia que um liberal de direita brasileiro concebe é sonegar imposto?

Olavo: Acho que nem isso, pois a sonegação tornou-se quase impossível no Brasil, já que tudo é cobrado na fonte, e, você não tem a opção de pagar ou não pagar. É imposto duas vezes, ou seja, é imposto no seu conceito e imposto na sua execução. Acredito que eles não chegam nem a entender isso, mas somente pensam em mudar legislações, isto é, entrar no Estado e tentar modificá-lo por dentro. Isto é o máximo que podem conceber.

Aluno: Aquela proposta feita por Ayn Rand, abandonar totalmente o Estado e não o alimentar, seria viável?

Olavo: Creio que seria em outras épocas, porém hoje com esta cobrança direta de imposto, já não é mais possível. Acredito que seja possível criar organizações similares ao MST, sem registro legal nenhum, atuar através delas e de representantes da sociedade civil e recusar o registro oficial. Esta é uma das propostas. Agora, a organização da sociedade civil é absolutamente essencial, deve-se criar uma militância na sociedade civil, não a partir de um partido político, e sim da própria sociedade civil.

Olavo: Gilcimar Junior me envia aqui um soneto; olha, vou dizer para você: está quase bom. Você tem jeito para a coisa, tem talento, não pare, continue. Mas preste mais atenção em detalhes de métricas. No segundo verso, do segundo quarteto, a métrica está errada. Entretanto é uma pena, pois o poema no geral está muito bom.

Aluno: Falando em Hegel, estive raciocinando a respeito da causalidade em Hume e cheguei à conclusão, que Hume não estava interessado em desenvolver uma teoria da causalidade propriamente dita, mas nos aspectos psicológicos relacionados com a nossa apreensão da causalidade. Ou seja, de como acreditamos que um copo cairá no chão se o soltarmos, antes mesmo disto(...)

Olavo: Isto é verdade, Hume nada disse a respeito da causalidade em si, ele está apenas falando de como criamos o nexo de causalidade, ou seja, a criação psicológica da noção de causalidade. Acredito que a explicação dele está errada e você tem razão neste ponto. Ele não está negando a noção de causalidade; aliás, não nega nada, apenas está mostrando que é muito difícil conceber a existência de um sujeito, coloca uma série de problemas, e, estes problemas existem até certo ponto.

Aluno: (...) Nesta perspectiva, creio que Hegel já resolveu esta questão, pois para ele explicar não é dar causa de algo, mas dar a sua razão. Explico-me: a explicação pelas causas sempre resulta em uma causa que exige uma explicação, e assim ad infinitum, não havendo uma necessidade absoluta quando digo que B é causa de A. Por exemplo: o fogo é causa do incêndio, mas não há absurdo nenhum no oposto, um fogo que não queima. Contudo já é um absurdo quando digo que 2+1 não são 2. No primeiro caso, o do fogo é um fato que sempre foi assim, mas nada nos convence de que assim deva acontecer necessariamente. No segundo caso, vemos ser claramente absurdo esta soma ser mais ou menos de 2. [1:20]

Olavo: Em parte, esta redução da causalidade e da razão já estava dada em Aristóteles, com a teoria das quatro causas, isto é, quando se fala de causa formal é isso aqui. Quando digo 2+2 são 4, isso não é uma causa no sentido eficiente, uma causa que desencadeou a outra, mas uma causa inerente à própria coisa. Esta é a noção aristotélica da causa formal, a qual Hegel volta a dar uma importância neste sentido. Sua interpretação não está errada, porém isso não é característica do Hegel e sim já estava dado em Aristóteles.

Aluno: A questão do número inabarcável de leis e o fato de que o cidadão não pode alegar a ignorância delas por outro lado: pode ser considerada como um exemplo de estimulação incoerente?

Olavo: Isto é estimulação contraditória da brava, isso é para enlouquecer as pessoas. Se não pode conhecer as leis e não pode alegar que as desconheça. Obviamente, já está dada aí a estimulação contraditória, fazendo com que a autoridade do Estado se torne ainda mais incontestável, pois ele tem o domínio total do processo psicológico.

Aluno: Qual o caminho que o senhor sugere para ampliarmos nossa capacidade literária e corrigir a deficiência adquirida por meio de uma educação deficitária?

Olavo: Você tem de ler a grande literatura, leia atentamente, observe como o sujeito diz as coisas, como é que consegue dizer aquilo que está dizendo, e, se haveria outra maneira de dizer. Faça isso com um caderno em mãos, anotando cada uso de uma palavra numa acepção diferente da corrente, a modificação dela pelas palavras circunvizinhas, a modificação de um sentido, do peso de uma palavra pelas palavras circunvizinhas e assim por diante. E sobre tudo, faça o exercício de imitação de escrever como o autor que você esteja lendo. Depois tome outro autor e repita o processo; isso várias vezes.

Aluno: Partindo da situação atual, quais seriam as primeiras ações para se trabalhar o fortalecimento da sociedade civil?

Olavo: A auto-organização da sociedade civil, a criação de entidades que a representem não legalmente, mas pelo número de seus membros.

Aluno: Quando Eric Voegelin faz sua análise acerca do gnosticismo como sendo mantenedor dos movimentos de massa de nosso tempo, caracterizado por uma desordem espiritual, a principal diferença que se deu ao longo da história, foi que invés de seguir os mesmos padrões de heresias gnósticas do início da era cristã, limitados a um seleto grupo com tendências de através de um conhecimento escapar desta realidade, esta nova roupagem gnóstica se dá na imanência deste mundo que seu intento se concentra de estabelecer um paraíso terrestre aqui e agora.

Olavo: É exatamente o que o Voegelin está dizendo, os movimentos gnósticos se transformam em ideologias de massa. Muda evidentemente o seu alcance e seu próprio sentido.

Aluno: O senhor acredita que o fato do Vaticano ser também um Estado traz para dentro da Igreja os mesmos perigos que os outros Estados?

Olavo: Não sei, não examinei a coisa sob este aspecto, mas merece ser pensado.

Aluno: Como seria a neutralidade do mercado, isto seria possível?

Olavo: Nunca me preocupei com este negócio de neutralidade. Numa discussão você não tem de ser neutro e sim honesto. Não vejo no que a neutralidade poderia servir, na verdade, pode-se ter a neutralidade de um juiz que ainda não ouviu completamente as duas partes, mas ele a encerrará na hora da sentença e tomará partido evidentemente. E a finalidade é que tome partido. Podemos definir a neutralidade, é a expressão da consciência de uma ignorância, isto é, como não entendi a coisa, não me pronunciarei por enquanto. Contudo fizeram uma espécie de ídolo da neutralidade, daí presume-se que você tem de ser ideologicamente neutro, o que é impossível, ou tem de tomar partido em uma das ideologias correntes, o que é um outro absurdo. Na verdade, entre duas ideologias, existem milhões de alternativas, e pode-se quebrar a contraposição estática entre duas ideologias colocando o problema em outros termos, e, aliás, a inteligência humana existe para isto.

Aluno: O senso do real como avaliação das possibilidades e impossibilidades está diretamente relacionado a escolha do discurso coerente que Eric Weil descreveu em Lógica da Filosofia?

Olavo: Até certo ponto sim, mas a coerência do discurso não pode ser um fetiche, não somos obrigados a chegar a um discurso coerente, mas somos obrigados apenas a nos dirigir nesse sentido. Pois o discurso coerente nem sempre é possível, ou seja, o discurso coerente é quando fechou uma premissa ou conclusão, às vezes não é possível fechar e então terá de explicar e expressar um discurso incoerente sabendo que aquilo não é coerente — que não é uma solução e sim um problema.

Ainda sobre o livro do Isidro Juan Palacios, quero ressaltar o seguinte: a primeira vez que mencionei Dugin na mídia brasileira foi em 2003. Notem quanto tempo que as pessoas levam para assimilar estas coisas. Isto é consequência da incapacidade da classe intelectual brasileira. Se você disser uma coisa que eles não conhecem, logo ficam ofendidos negando que aquilo exista ou que tenha importância. Tentam esconder por todos os meios, te boicotam, difamam e emporcalham a sua imagem — é isso que fazem. Isso aí é reflexo duma brutal incapacidade. É uma incapacidade tão grande que a emoção que as pessoas sentem quando lêem estas coisas é de terror e ódio; apenas isto. É totalmente irracional, coisa de doente mental. Evidentemente, se não substituirmos, não reciclarmos a classe intelectual brasileira, nada terá conserto neste país. Se dará para fazer algo ou não, não sei. Temos de nos esforçar nesta direção. Pois não somos obrigados a resolver todos os problemas.

Aluno: vale lembrar que o próprio Dugin lhe trata com respeito.

Olavo: Mas é evidente! O Dugin me trata de uma maneira, e esses idiotas de outra. O Dugin fala: “Este aí é um grande filósofo”. Contudo chega o “Rodrigo Medroso” e diz: “Há! Este aí não é nada”. Obviamente, é uma afetação de superioridade tão pueril e boboca que não deveria nem ser comentada — não merece atenção nenhuma. Creio que todos os formadores de opinião com pretensões intelectuais no Brasil não valem absolutamente nada gente! Estão nas mãos de palhacinhos. E está na hora de retirá-los, antes de retirar a Dilma. Isto não tem nada a ver com o aspecto ideológico — o pessoal da direita católica também são todos assim. Creio eu até pior, pois eles se escondem atrás e debaixo da batina do bispo para cometer verdadeiros crimes. Mas não sabem que estas coisas são crimes, pois não têm consciência suficiente para isso.

Por hoje era isto. Até semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Joana Vieira, Susana Festner e Danillo Flugge

Revisão: Éricson Rojahn